

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

EMMELY MARIA OLIVEIRA DANTAS

“UMA MULHER TRABALHADORA COMO EU SOU”

Caminhos da formação de uma futura professora de Ciências e Biologia

Ituiutaba, 2026

EMMELY MARIA OLIVEIRA DANTAS

“UMA MULHER TRABALHADORA COMO EU SOU”
Caminhos da formação de uma futura professora de Ciências e Biologia

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
em Ciências Biológicas da
Universidade Federal de Uberlândia
(UFU), como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciada em
Ciências Biológicas.

Orientador: Tiago Amaral Sales

Ituiutaba, 2026

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Tiago Amaral Sales – UFU – ICENP

Profa. Dra. Ana Paula Romero Bacri – UFU – ICENP

Profa. Dra. Fernanda Monteiro Rigue – UFU – ICENP

DEDICÁTORIA

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, por ter me sustentado em todos os momentos da minha caminhada e por nunca permitir que eu desistisse dos meus sonhos.

À minha mãe, que foi meu porto seguro durante toda essa trajetória. Obrigada por nunca soltar minha mão, por acreditar em mim quando eu mesma duvidava, por abrir mão de tantas coisas e se desdobrar para que eu pudesse continuar estudando. Esta conquista também é sua.

À minha avó, pelo amor, pelo incentivo e por sempre estar ao meu lado em cada etapa da minha vida. Seu apoio foi essencial para que eu chegasse até aqui.

Ao meu irmãozinho, Cadu, que me inspira todos os dias a ser uma pessoa melhor. Grande parte de tudo o que faço é pensando em construir um futuro melhor para nós e em ser um exemplo de que os sonhos podem ser alcançados com dedicação e perseverança.

E dedico, de forma muito especial, ao meu pai de coração, Paulo, que partiu recentemente, mas que permanece vivo em meu coração e em tudo o que me ensinou. Você foi um dos maiores incentivadores da minha caminhada, acreditou em mim mais do que eu mesma e nunca deixou de me lembrar do meu potencial. Sinto profundamente sua ausência e gostaria que estivesse aqui para celebrar este momento. Tenho certeza de que, onde quer que esteja, continua torcendo por mim. Esta conquista também é sua.

Por fim, dedico este trabalho a todas as pessoas que acreditaram em mim, me incentivaram e fizeram parte dessa caminhada. Cada palavra de apoio, cada gesto de carinho e cada demonstração de confiança me deram forças para continuar. Sou profundamente grata por nunca ter caminhado sozinha.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder força, sabedoria e perseverança para superar cada desafio e tornar possível a conclusão desta importante etapa da minha vida.

Ao meu orientador, professor Tiago, minha mais profunda gratidão. Obrigada por nunca desistir de mim, mesmo nos momentos em que eu mesma pensei em desistir. Agradeço pela paciência, pela dedicação, pelos ensinamentos e por todo o esforço que teve durante a construção deste trabalho. Sua confiança, apoio e orientação foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. Levarei seus ensinamentos comigo por toda a minha trajetória profissional.

Às professoras Ana Paula e Fernanda, membros da banca examinadora, agradeço por aceitarem o convite para participar deste momento tão importante da minha formação. Obrigada pela disponibilidade em ler este trabalho, por ouvirem minha história e por contribuírem, por meio de suas considerações, para o meu crescimento acadêmico e profissional.

Aos meus amigos da Universidade Federal de Uberlândia, agradeço por todas as conversas, incentivos, momentos de alegria, apoio e companheirismo ao longo da graduação. A presença de vocês tornou essa caminhada mais leve e me ajudou a permanecer firme diante das dificuldades.

A todos os professores que fizeram parte da minha formação, obrigada pelos conhecimentos compartilhados, pela dedicação ao ensino e por contribuírem para a construção da professora que estou me tornando.

Também agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma, fizeram parte dessa trajetória. Cada palavra de incentivo, cada gesto de apoio e cada demonstração de carinho foram essenciais para que eu encontrasse forças para continuar.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Uberlândia, por proporcionar uma formação pública, gratuita e de qualidade, permitindo que eu realizasse um sonho que transformou minha vida.

A todos vocês, o meu mais sincero obrigado.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma narrativa autobiográfica sobre a trajetória acadêmica de uma estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal, buscando compreender os desafios, aprendizagens e experiências que contribuíram para sua formação como futura professora de Ciências e Biologia. O estudo tem como objetivo analisar os caminhos percorridos durante a graduação, destacando as relações entre permanência universitária, trabalho, responsabilidades familiares, desigualdades de gênero e construção da identidade docente. A metodologia caracteriza-se como uma investigação narrativa autobiográfica, construída a partir da rememoração e reflexão sobre experiências pessoais, acadêmicas e profissionais vivenciadas durante o ensino superior, articuladas a estudos sobre narrativas autobiográficas, formação docente e permanência estudantil. Os resultados evidenciam que a trajetória universitária foi marcada por desafios relacionados à conciliação entre trabalho e estudos, pelos impactos da pandemia de covid-19, pelas dificuldades financeiras e pela necessidade de enfrentar responsabilidades familiares simultaneamente à formação acadêmica. Além disso, a experiência de atuação docente durante a graduação contribuiu significativamente para a construção da identidade profissional e para a reafirmação do desejo de exercer a docência. Conclui-se que narrativas autobiográficas constituem importantes instrumentos de reflexão sobre trajetórias estudantis, possibilitando compreender aspectos da permanência no ensino superior que ultrapassam indicadores acadêmicos tradicionais e revelam experiências humanas, sociais e formativas.

Palavras-chave: Narrativa autobiográfica. Formação docente. Permanência universitária. Estudante trabalhadora. Licenciatura em Ciências Biológicas.

ABSTRACT

This research presents an autobiographical narrative about the academic trajectory of a student enrolled in the undergraduate Teaching Degree in Biological Sciences at the Federal University of Uberlândia (UFU), Pontal Campus, aiming to understand the challenges, learnings, and experiences that contributed to her development as a future Science and Biology teacher. The study aims to analyze the paths experienced throughout undergraduate education, highlighting the relationships between university retention, work, family responsibilities, gender inequalities, and the construction of teaching identity. The methodology is characterized as an autobiographical narrative investigation, developed from the recollection and reflection on personal, academic, and professional experiences lived during higher education, combined with studies on autobiographical narratives, teacher education, and student retention. The results indicate that the university trajectory was marked by challenges related to balancing work and studies, the impacts of the COVID-19 pandemic, financial difficulties, and the need to manage family responsibilities alongside academic training. Furthermore, the experience of teaching during undergraduate education significantly contributed to the construction of professional identity and reaffirmed the desire to pursue teaching. It is concluded that autobiographical narratives are important instruments for reflecting on student

trajectories, allowing a broader understanding of higher education retention beyond traditional academic indicators and revealing human, social, and formative experiences.

Keywords: Autobiographical narrative. Teacher education. University retention. Working student. Biological Sciences degree.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 A ESCOLHA PELO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E O SONHO DE CONCLUIR UMA GRADUAÇÃO	8
1.2 PROBLEMATIZAÇÃO E OBJETIVOS DA PESQUISA	10
2. METODOLOGIA	12
3. DESENVOLVIMENTO	14
3.1 O INGRESSO NA UNIVERSIDADE E A CONCRETIZAÇÃO DE UM SONHO	14
3.2 OS IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA TRAJETÓRIA ACADÊMICA	16
3.3 OS DESAFIOS DA PERMANÊNCIA UNIVERSITÁRIA NO PERÍODO PÓS-PANDEMIA	17
3.4 ENTRE O TRABALHO E A UNIVERSIDADE: OS DESAFIOS DA CONCILIAÇÃO ENTRE FORMAÇÃO ACADÊMICA E VIDA PESSOAL	19
3.5 AS POTENCIALIDADES DAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS NA COMPREENSÃO DA TRAJETÓRIA DE ESTUDANTES TRABALHADORES	20
3.6 A INSERÇÃO FEMININA NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO	21
3.7 DESIGUALDADES DE GÊNERO E OS OBSTÁCULOS À PERMANÊNCIA DA MULHER NA GRADUAÇÃO	22
3.8 A LICENCIATURA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS: ESPECIFICIDADES DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	24
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29

1. INTRODUÇÃO

1.1 A ESCOLHA PELO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E O SONHO DE CONCLUIR UMA GRADUAÇÃO

O título desta pesquisa surgiu a partir de um diálogo realizado durante uma reunião de orientação com meu orientador, momento em que, ao refletir sobre minha trajetória acadêmica e pessoal, reconheci-me como uma mulher trabalhadora que construiu sua formação superior conciliando diferentes responsabilidades. A expressão “Uma mulher trabalhadora como eu sou” representa não apenas uma característica da minha trajetória, mas também uma reflexão sobre as experiências vivenciadas por estudantes que precisam articular trabalho, estudos, família e permanência universitária. Dessa forma, o título busca evidenciar uma identidade construída ao longo do percurso acadêmico, marcada por desafios, resistências e aprendizagens que contribuíram para minha formação como futura professora de Ciências e Biologia.

Segundo Josso (2004), a autobiografia acadêmica possibilita refletir acerca das experiências pessoais, educacionais e profissionais que contribuíram para a construção da identidade do sujeito ao longo de sua trajetória. Nesse sentido, este trabalho apresenta momentos significativos da minha caminhada até a escolha pelo curso de Licenciatura em Biologia, destacando desafios, motivações e experiências que marcaram minha formação acadêmica e pessoal.

Desde a infância, sempre tive grande interesse pela natureza, pelos animais e pelos fenômenos relacionados à ciência. Durante a vida escolar, as disciplinas de Ciências e Biologia despertavam minha curiosidade e admiração, principalmente pelas aulas práticas, que tornavam o aprendizado mais dinâmico e significativo. Esse interesse pelo conhecimento científico foi crescendo ao longo dos anos e passou a fazer parte dos meus projetos de vida.

Paralelamente, existia também o desejo de ser professora. Ainda criança, minhas brincadeiras favoritas envolviam a “escolinha”, na qual eu sempre ocupava o papel da professora. Com o passar do tempo, esse sonho foi amadurecendo, especialmente durante o ensino médio, período em que comecei a compreender a importância do professor na formação humana, social e intelectual dos estudantes. Foi então que percebi que desejava unir minha paixão pela ciência ao compromisso com a educação.

A escolha pela Licenciatura em Biologia representa, portanto, a união entre o amor pelo conhecimento científico e o desejo de ensinar. Além disso, o curso simboliza a concretização de um sonho que parecia distante da minha realidade durante muitos anos.

Ingressar em uma universidade federal constituiu uma conquista extremamente significativa, sobretudo por eu ser a primeira mulher da minha família a alcançar o ensino superior.

Grande parte dos estudantes universitários brasileiros pertence às classes trabalhadoras e enfrenta dificuldades relacionadas à renda, transporte, alimentação e acesso a recursos tecnológicos. Essa realidade, longe de ser exceção, é a regra para milhões de jovens que precisam sustentar a si mesmos e às suas famílias ao mesmo tempo em que tentam construir uma formação acadêmica.

Segundo o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE, 2019), muitos estudantes das universidades públicas brasileiras precisam trabalhar para garantir sua permanência acadêmica, especialmente aqueles provenientes de famílias de baixa renda. A pesquisa revela ainda que mais da metade dos estudantes das instituições federais de ensino superior se enquadra nas faixas de renda mais baixas, evidenciando que a universidade pública brasileira é, cada vez mais, um espaço ocupado por estudantes que chegam carregando histórias de escassez e resistência.

Zago (2006) aponta que o ingresso no ensino superior para jovens de camadas populares representa uma conquista cercada de incertezas, uma vez que a aprovação no vestibular não garante, por si só, as condições necessárias para a continuidade dos estudos. O desafio da permanência, portanto, começa muito antes do primeiro dia de aula e se estende por toda a trajetória acadêmica, exigindo do estudante trabalhador uma capacidade de adaptação e resiliência que raramente é reconhecida ou valorizada pelo ambiente universitário.

Sguissardi e Silva Júnior (2009) acrescentam que a expansão do ensino superior brasileiro trouxe para dentro das universidades um perfil de estudante historicamente excluído desses espaços. No entanto, essa inclusão formal não veio acompanhada, na mesma proporção, de políticas robustas de permanência que considerassem as condições reais de vida desses estudantes, como a necessidade de trabalhar, a distância entre a moradia e a universidade e a ausência de uma rede de suporte familiar com experiência acadêmica.

No meu caso, a relação entre trabalho e estudo não começou na graduação. Desde os 13 anos eu já conciliava escola e trabalho, aprendendo cedo que estudar era importante, mas que trabalhar também era necessário. Quando fui aprovada no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas em uma Universidade Federal, em 2019, minha mãe me pediu que parasse de trabalhar para me dedicar inteiramente à graduação. Mesmo diante das dificuldades financeiras da família, ela queria que eu vivesse a experiência universitária da melhor forma possível. E assim foi, durante o primeiro ano.

Entretanto, com a chegada da pandemia de covid-19 em 2020 e o agravamento da situação financeira familiar, essa realidade mudou. Minha avó adoeceu e deixou de trabalhar, minha mãe passou a sustentar a casa praticamente sozinha, e as contas não fechavam. Em 2021, sem alternativas, consegui um emprego em um supermercado. A partir dali, passei a trabalhar em horário comercial durante o dia e a assistir às aulas remotas à noite, sem notebook, acompanhando tudo pelo celular, muitas vezes em meio ao barulho de casa.

Essa experiência dialoga diretamente com o que Portes (2001) descreve ao analisar as estratégias de sobrevivência acadêmica de estudantes pobres nas universidades brasileiras. Para esses sujeitos, permanecer na graduação exige não apenas esforço intelectual, mas uma engenharia cotidiana de tempo, energia e recursos que muitas vezes passa despercebida aos olhos da instituição. São estudantes que dormem pouco, percorrem longas distâncias, trabalham o dia inteiro e ainda assim aparecem para assistir à aula, mesmo que com os olhos pesados de uma jornada que começou muito antes. Reconhecer esse perfil é fundamental para compreender que o rendimento acadêmico não pode ser avaliado sem que se considere o contexto de vida do estudante. A nota em uma prova nunca conta a história completa de quem a fez.

Um trabalho que nos inquietou a pensar na pesquisa autobiográfica foi *Caminhos, potências e percalços na formação inicial de um biólogo bacharel* (Batista; Sales, 2025), o qual percorre experiências, vivências e desafios de um graduando em Ciências Biológicas no mesmo campus que cursei a faculdade. Nesse contexto, outros estudos autobiográficos também têm evidenciado as especificidades das trajetórias de mulheres que conciliam trabalho e formação docente. Paz e Rigue (2025), ao narrarem a trajetória de uma estudante trabalhadora do curso de Química, discutem como as experiências acadêmicas são atravessadas por questões de gênero, permanência universitária e desafios cotidianos, evidenciando que a formação docente é construída em meio a múltiplas responsabilidades. As reflexões apresentadas pelas autoras dialogam com a presente pesquisa, uma vez que também buscam compreender como as vivências de uma mulher trabalhadora influenciam sua trajetória universitária e a constituição de sua identidade como futura professora (Paz; Rigue, 2025).

1.2 PROBLEMATIZAÇÃO E OBJETIVOS DA PESQUISA

Diante dessas experiências, surge a necessidade de refletir sobre os desafios enfrentados por estudantes trabalhadoras no processo de permanência universitária, especialmente após os impactos causados pela pandemia da covid-19. Nesse contexto,

questiona-se: de que maneira as dificuldades relacionadas à conciliação entre trabalho, estudos e vida pessoal influenciam a trajetória acadêmica de estudantes do ensino superior?

A presente pesquisa tem como objetivo apresentar e analisar minha trajetória acadêmica na Licenciatura em Biologia, destacando os principais desafios enfrentados durante a permanência universitária. Busca-se também compreender os impactos emocionais, sociais e acadêmicos decorrentes da necessidade de conciliar múltiplas responsabilidades ao longo da graduação, bem como refletir sobre a importância de valorizar e dar visibilidade às experiências de estudantes trabalhadores no ambiente universitário.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como uma narrativa autobiográfica, construída a partir das minhas memórias, experiências acadêmicas e reflexões sobre a trajetória vivenciada no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. A escolha dessa abordagem justifica-se pela necessidade de compreender e registrar os desafios, sentimentos, aprendizados, dificuldades e conquistas que marcaram minha permanência no ensino superior, desde o ingresso na universidade até a fase final da graduação.

A opção por desenvolver este trabalho a partir de uma narrativa autobiográfica também está relacionada à escassez de estudos que abordem, de forma aprofundada, a experiência de mulheres universitárias após a aprovação em uma instituição pública de ensino superior, especialmente quando se consideram aspectos como trabalho, permanência estudantil, responsabilidades familiares, dificuldades financeiras e os impactos da pandemia na formação acadêmica. Nesse sentido, reconhece-se que as narrativas de vida constituem importantes fontes de produção de conhecimento, permitindo compreender experiências que nem sempre são contempladas pela literatura acadêmica tradicional (Souza, 2006).

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu por meio de leituras bibliográficas relacionadas às narrativas autobiográficas, à permanência estudantil, às desigualdades de gênero e às trajetórias de estudantes trabalhadores, além de reuniões de orientação com o professor orientador e revisões contínuas do texto. Também foram consideradas discussões realizadas ao longo da disciplina, bem como a leitura de outros trabalhos autobiográficos produzidos por colegas, os quais contribuíram para ampliar minha compreensão sobre as possibilidades metodológicas desse tipo de investigação.

À medida que escrevia cada capítulo deste trabalho, revisitava experiências, sentimentos e acontecimentos que marcaram minha trajetória acadêmica. Esse movimento de retorno às memórias permitiu não apenas registrar fatos vividos, mas também atribuir novos significados às experiências que, durante muito tempo, foram compreendidas apenas como dificuldades individuais. A escrita tornou-se, assim, um processo de reflexão e ressignificação da minha própria história.

Segundo Delory-Momberger (2008), a narrativa biográfica constitui um processo de elaboração do vivido, por meio do qual o sujeito organiza suas experiências e atribui sentido à própria trajetória. Nessa mesma perspectiva, Passeggi (2011) destaca que as narrativas de vida possibilitam compreender os processos de formação e aprendizagem a partir da voz do próprio sujeito, valorizando experiências que muitas vezes permanecem invisibilizadas nos estudos tradicionais.

Durante a elaboração deste trabalho, também foram utilizadas ferramentas de inteligência artificial (ChatGPT) de acesso aberto e gratuito, porém apenas como apoio à organização das ideias, revisão textual e aprimoramento da escrita acadêmica. Contudo, a autoria, as reflexões, as memórias e as interpretações apresentadas permanecem integralmente vinculadas à minha experiência pessoal, constituindo o eixo central desta pesquisa.

Dessa forma, este estudo busca compreender minha trajetória acadêmica não apenas como uma história individual, mas como uma experiência que dialoga com a realidade de muitas mulheres estudantes que enfrentam desafios semelhantes para ingressar, permanecer e concluir o ensino superior. Ao narrar minha própria história, procuro dar visibilidade a experiências frequentemente silenciadas, reconhecendo que permanecer na universidade, em determinados contextos, também pode ser compreendido como um ato de resistência.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 O INGRESSO NA UNIVERSIDADE E A CONCRETIZAÇÃO DE UM SONHO

Quando fui aprovada no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas em uma universidade federal, senti que um dos maiores sonhos da minha vida estava começando a se tornar realidade. A aprovação representava muito mais do que o ingresso em um curso superior. Ela simbolizava anos de esforço, dedicação e esperança depositados em um futuro melhor. Além disso, eu me tornava a primeira mulher da minha família a ingressar em uma universidade, especialmente em uma instituição pública federal, o que tornava aquele momento ainda mais significativo.

Ingressar na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal, em 2019, significou entrar em um universo completamente novo para mim. Nos primeiros dias de aula, tudo despertava minha atenção: os blocos, os corredores movimentados, os laboratórios, a biblioteca e os espaços de convivência onde os estudantes se reuniam para estudar e conversar. Eu me recordo de caminhar pelo campus observando a diversidade de pessoas, cursos e histórias que se encontravam naquele ambiente, algo muito diferente da realidade que eu conhecia até então.

O Campus Pontal passou a fazer parte da minha rotina e da minha trajetória pessoal. Foi naquele espaço que participei de aulas teóricas e práticas, realizei trabalhos em grupo, apresentei seminários, vivi momentos de ansiedade antes das avaliações e comemorei conquistas acadêmicas importantes. Os laboratórios de ensino despertavam ainda mais meu interesse pela Biologia, pois permitiam aproximar os conhecimentos teóricos das experiências práticas, tornando o aprendizado mais significativo.

A biblioteca também se tornou um espaço marcante durante minha graduação. Em muitos momentos, utilizei aquele ambiente para estudar, realizar pesquisas e buscar referências para as disciplinas do curso. Além disso, os corredores, pátios e espaços de convivência foram cenários de inúmeras conversas, trocas de experiências e construção de amizades que contribuíram para minha permanência na universidade.

Com o passar do tempo, o campus deixou de ser apenas uma instituição de ensino e tornou-se um lugar de pertencimento. Foi ali que vivi experiências que contribuíram para minha formação acadêmica, profissional e humana. Cada sala de aula, cada laboratório e cada espaço percorrido carrega lembranças que fazem parte da construção da professora que estou me tornando.

Lembro da felicidade que tomou conta da minha casa quando recebi a notícia da

aprovação. Não era apenas uma conquista individual. Minha família também celebrava aquele momento, pois sabia de todas as dificuldades que enfrentamos ao longo dos anos. Minha mãe, em especial, acreditava profundamente nesse sonho. Mesmo enfrentando limitações financeiras e inúmeras preocupações, ela queria que eu tivesse oportunidades que ela própria não teve.

Quando iniciei a graduação, em 2019, minha mãe me pediu para deixar o trabalho e me dedicar exclusivamente aos estudos. Essa decisão exigiu sacrifícios de toda a família, já que nossa situação financeira não era confortável. Ainda assim, ela insistia que aquele era o momento de priorizar minha formação. Hoje, ao olhar para trás, percebo o tamanho do amor presente nessa escolha. Minha mãe abriu mão de muitas coisas para que eu pudesse viver plenamente a experiência universitária e aproveitar uma oportunidade que ela considerava transformadora para o meu futuro.

Foi nesse período que comecei a compreender que o sonho da graduação não era apenas meu. Minha família também sonhava comigo. Cada esforço, cada renúncia e cada incentivo demonstravam que aquela conquista estava sendo construída coletivamente. Saber que tantas pessoas acreditavam em mim fez com que eu me sentisse ainda mais responsável por honrar essa oportunidade e seguir em frente, mesmo diante das dificuldades que surgiriam ao longo do caminho. No início da graduação, nós não tínhamos nenhum meio de transporte para que eu pudesse chegar à universidade. Diante desta dificuldade, surgiu uma ajuda que foi fundamental naquele momento. Minha vizinha e amiga Bruna também havia sido aprovada no mesmo curso e estudava no mesmo horário que eu. Então fizemos um acordo: minha avó contribuiria mensalmente com a gasolina e, em troca, Bruna me levaria todos os dias para a faculdade.

Hoje, ao relembrar esse período, percebo que pequenos gestos fizeram toda a diferença para que eu pudesse permanecer na universidade. Muitas vezes, quando falamos sobre acesso ao ensino superior, pensamos apenas na aprovação, mas existem inúmeros desafios que surgem depois dela. Para mim, conseguir chegar até a universidade todos os dias já era uma conquista.

Aquele primeiro ano foi, sem dúvidas, o período mais leve e feliz da minha graduação. Tudo era novidade. Eu estava encantada com a universidade, com os professores, com as disciplinas e com as inúmeras possibilidades que aquele ambiente oferecia. Sentia orgulho de ocupar aquele espaço e de viver algo que, durante muitos anos, parecia distante da minha realidade.

Pela primeira vez, eu podia me dedicar exclusivamente aos estudos. Tinha tempo para

participar das atividades acadêmicas, realizar os trabalhos com tranquilidade e aproveitar plenamente a experiência universitária. Eu me sentia pertencente aquele lugar e acreditava que estava exatamente onde deveria estar.

Ao final daquele primeiro ano, alcancei excelência acadêmica, algo que me encheu de orgulho e reforçou ainda mais a certeza de que havia feito a escolha certa. Mais do que boas notas, aquele resultado representava a concretização de um sonho construído com muito esforço, não apenas meu, mas também da minha família, que acreditou em mim e fez o possível para que eu pudesse viver aquela experiência.

3.2 OS IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA TRAJETÓRIA ACADÊMICA

Entretanto, em 2020, no início do meu segundo ano de graduação, tivemos apenas um dia de aula presencial antes da chegada da pandemia da covid-19. Lembro que ainda estava animada para continuar vivendo tudo aquilo que havia experimentado no primeiro ano da faculdade. No entanto, de uma hora para outra, as aulas foram suspensas e passamos um longo período sem saber como seria o futuro da universidade. A incerteza era constante. Ninguém sabia quando as atividades retornariam, nem de que forma isso aconteceria.

Depois de algum tempo, as aulas remotas foram implementadas. Apesar de parecerem a única alternativa naquele momento, adaptar-me a essa nova realidade foi extremamente difícil. Eu não possuía notebook e precisava acompanhar todas as aulas pelo celular. Muitas vezes, a tela pequena dificultava a visualização dos conteúdos, a realização das atividades e até mesmo a participação nas aulas.

Enquanto alguns colegas conseguiam organizar um espaço adequado para estudar, eu tentava aprender da melhor forma possível com os recursos que tinha disponíveis. Além disso, minha família criava galinhas em casa e o barulho frequentemente interrompia as aulas. Pode parecer um detalhe simples, mas eu sentia muita vergonha quando precisava abrir o microfone ou participar de alguma atividade. Em alguns momentos, ficava preocupada com o que os colegas e professores poderiam pensar. Mesmo assim, procurava continuar participando e acompanhando as disciplinas da maneira que conseguia.

Com o passar dos meses, as dificuldades não ficaram restritas apenas à adaptação ao ensino remoto. A situação financeira da minha família começou a se agravar. Minha avó adoeceu e deixou de trabalhar, o que impactou diretamente a renda da casa. Minha mãe passou a sustentar praticamente sozinha toda a família com um salário baixo, enquanto também cuidava do meu irmão mais novo. Eu via diariamente sua preocupação para conseguir manter tudo funcionando e sabia que aquela situação estava se tornando cada vez

mais difícil.

Foi nesse contexto que, em 2021, consegui um emprego em um supermercado. Embora eu soubesse que seria um grande desafio conciliar trabalho e faculdade, naquele momento ajudar minha família deixou de ser uma escolha e passou a ser uma necessidade.

A partir dali minha rotina mudou completamente. Trabalhava durante todo o dia e assistia às aulas remotas à noite. O cansaço físico e mental passou a fazer parte da minha rotina. Muitas vezes eu chegava em casa exausta, tentando encontrar forças para assistir às aulas e realizar as atividades acadêmicas. Em diversos momentos, percebia que estava presente na aula, mas minha mente já não conseguia acompanhar o conteúdo da mesma forma. O sono era constante, a exaustão também. Foi durante esse período que comecei a perceber os impactos que a pandemia estava causando na minha trajetória acadêmica. Eu continuava me esforçando e tentando seguir em frente, mas sentia que já não conseguia render da mesma forma que antes. Pela primeira vez, comecei a perceber que permanecer na universidade exigiria muito mais do que dedicação aos estudos; exigiria resistência diante de uma realidade que havia mudado completamente.

3.3 OS DESAFIOS DA PERMANÊNCIA UNIVERSITÁRIA NO PERÍODO PÓS-PANDEMIA

Falar sobre o estudante trabalhador no ensino superior é falar sobre uma condição que, no Brasil, atravessa gerações e se repete em milhares de trajetórias invisibilizadas dentro das universidades. É falar sobre quem entra na sala de aula depois de um turno inteiro de trabalho, sobre quem estuda com o celular porque não tem notebook, sobre quem precisa escolher entre pagar uma conta e comprar um livro.

Sampaio (2011) aponta que a expansão do ensino superior brasileiro ampliou o acesso, mas não eliminou as desigualdades que determinam quem consegue concluir o curso. O estudante trabalhador frequentemente enfrenta uma defasagem acumulada ao longo da graduação: perde aulas por causa do trabalho, atrasa disciplinas, vê os colegas avançarem enquanto precisa refazer o caminho. Essa defasagem não é sinal de incapacidade, é consequência direta de condições desiguais de permanência.

Essa foi também a minha realidade. Quando as aulas presenciais retornaram em 2022, depois de todo o período remoto, percebi o quanto a pandemia havia deixado marcas na minha trajetória. Meus antigos colegas já estavam mais avançados no curso, enquanto eu precisava cursar disciplinas com turmas mais novas. Aquilo me abalou emocionalmente de uma forma que demorei a compreender. Não era preguiça, não era falta de esforço era o

resultado visível de tudo o que havia acontecido nos anos anteriores.

Além do impacto acadêmico, o retorno presencial trouxe consigo um novo obstáculo: minha vizinha, que me levava para a universidade todos os dias desde o início da graduação, havia desistido do curso. De repente, eu não tinha mais como chegar até a faculdade. Tentei pedir ajuda ao meu pai, que mora em Portugal, para comprar uma moto. A resposta foi negativa. Mais uma vez, foi minha mãe quem encontrou um jeito, apertamos as contas da casa e conseguimos comprar uma Biz, que se tornou indispensável para que eu pudesse continuar.

Coulon (2017) afirma que a permanência universitária não depende apenas de condições financeiras, mas também da capacidade do estudante de se afiliar simbólica e institucionalmente ao ambiente acadêmico, o que se torna muito mais difícil quando esse estudante está emocionalmente esgotado, socialmente deslocado e financeiramente pressionado. Cada novo obstáculo que surge no caminho não é apenas prático: ele também corrói a confiança, alimenta a dúvida e faz o estudante questionar se vale a pena continuar.

Em 2024, ainda durante a graduação, tive a oportunidade de atuar como professora substituta de Ciências e Biologia, experiência que representou um marco significativo em minha trajetória acadêmica e profissional. Pela primeira vez, pude assumir uma sala de aula como docente, vivenciando, na prática, os desafios, as responsabilidades e as aprendizagens da profissão que havia escolhido. Planejar aulas, acompanhar o desenvolvimento dos estudantes, estabelecer vínculos com a comunidade escolar e enfrentar as demandas do cotidiano escolar fortaleceram minha identidade docente e reafirmaram a certeza de que era esse o caminho que desejava seguir. Ao mesmo tempo, essa experiência permitiu compreender, de forma concreta, a importância da formação inicial para o exercício da docência e evidenciou como os conhecimentos construídos na universidade se articulavam com a realidade da escola. Entretanto, ainda em 2024, por se tratar de um contrato temporário, ao seu encerramento precisei retornar ao trabalho no supermercado para garantir minha renda e dar continuidade aos estudos. Esse retorno representou um momento de grande frustração, pois significava deixar, ainda que temporariamente, um espaço no qual eu finalmente me reconhecia como professora.

Naquele período, as contas apertaram com o financiamento da minha casa, e o pensamento de desistir da graduação para buscar um emprego melhor voltou com força. Mas eu estava tão perto do fim que desistir parecia trair tudo que havia construído até ali.

É nesse ponto que reside uma das dimensões mais silenciosas e mais dolorosas da trajetória do estudante trabalhador: o custo emocional de permanecer. Bardagi e Hutz (2012) identificaram que estudantes que trabalham apresentam maiores índices de estresse, ansiedade

e sensação de inadequação acadêmica. Não porque sejam menos capazes, mas porque carregam sozinhos um peso que deveria ser dividido com políticas institucionais de suporte e acolhimento.

Além disso, eu já não era mais a mesma estudante do início da graduação. O cansaço acumulado pelo trabalho, pela rotina intensa e pelas preocupações financeiras começou a afetar diretamente o meu rendimento acadêmico. Minhas notas caíram, meu Coeficiente de Rendimento Acadêmico (CRA) diminuiu e comecei a enfrentar reprovações em algumas disciplinas. Grande parte delas tinha como principal instrumento de avaliação as provas escritas, que exigiam longos períodos de estudo. Entretanto, diante da rotina de trabalho e das demais responsabilidades, nem sempre eu conseguia dedicar o tempo necessário para me preparar adequadamente. Mesmo estudando até tarde da noite e me esforçando ao máximo, sentia que nunca era suficiente. Durante muito tempo, acreditei que não era mais tão inteligente ou capaz quanto antes. Hoje, porém, percebo que o problema não estava na minha capacidade, mas no esgotamento físico e emocional que eu carregava diariamente.

Com o passar do tempo, fui construindo novas amizades e me readaptando ao ambiente universitário. Aos poucos, consegui recuperar a confiança em mim mesma e seguir avançando no curso. Continuei concluindo disciplinas e enfrentando os desafios que surgiam pelo caminho, mesmo diante das dificuldades constantes que faziam parte da minha realidade.

Permanecer na universidade, para mim, nunca foi apenas uma questão acadêmica. Foi uma decisão renovada em cada semestre, em cada reprovação, em cada momento de exaustão. E é exatamente por isso que essa trajetória precisa ser narrada porque ela representa não uma exceção, mas uma regra silenciosa que precisa ser vista, reconhecida e enfrentada.

3.4 ENTRE O TRABALHO E A UNIVERSIDADE: OS DESAFIOS DA CONCILIAÇÃO ENTRE FORMAÇÃO ACADÊMICA E VIDA PESSOAL

Permanecer na graduação exigiu esforço físico, emocional e psicológico. Ao longo do curso, precisei conciliar trabalho, estudos e vida pessoal, enfrentando diariamente uma rotina cansativa e desgastante. Trabalhar durante o dia inteiro e frequentar a universidade à noite demandava resistência e organização constantes. Muitas vezes eu chegava extremamente cansada para assistir às aulas, realizar trabalhos acadêmicos e estudar para avaliações.

Em diversos momentos, senti dificuldades para equilibrar todas as áreas da vida, o que gerava sentimentos de ansiedade, culpa e frustração. Além das demandas acadêmicas e profissionais, existiam também responsabilidades familiares, questões pessoais e a necessidade de cuidar da própria saúde mental. Frequentemente foi necessário abrir mão de

momentos de descanso, lazer e convivência social para conseguir atender às exigências da graduação.

Essas experiências permitiram compreender que a permanência universitária vai muito além do simples ato de estar matriculado em uma instituição de ensino superior. Permanecer exige resistência, disciplina, apoio emocional e persistência, especialmente para estudantes trabalhadores que enfrentam jornadas duplas diariamente.

3.5 AS POTENCIALIDADES DAS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS NA COMPREENSÃO DA TRAJETÓRIA DE ESTUDANTES TRABALHADORES

Ao longo da graduação, especialmente diante da necessidade de conciliar trabalho, estudos e responsabilidades pessoais, passei a refletir sobre os desafios enfrentados por estudantes que, assim como eu, constroem sua formação acadêmica em meio a múltiplas demandas. Essas experiências despertaram questionamentos sobre como tais vivências influenciam a formação docente e a construção da identidade profissional. Foi a partir dessas reflexões que surgiu a proposta deste trabalho autobiográfico, que busca compreender e narrar os caminhos percorridos durante minha formação como futura professora de Ciências e Biologia

As narrativas autobiográficas possuem grande relevância no contexto acadêmico, pois possibilitam dar visibilidade a experiências que muitas vezes permanecem invisíveis dentro das universidades. Ao compartilhar histórias de estudantes trabalhadores, torna-se possível compreender que a trajetória acadêmica não é vivenciada da mesma forma por todos os sujeitos. Enquanto alguns estudantes conseguem dedicar-se integralmente aos estudos, muitos outros precisam conciliar a graduação com o trabalho, responsabilidades familiares e desafios financeiros.

As experiências apresentadas nesta narrativa evidenciam que a permanência no ensino superior envolve muito mais do que o desempenho acadêmico. Questões relacionadas à condição socioeconômica, à saúde emocional, ao acesso a recursos e às oportunidades de apoio influenciam diretamente o percurso dos estudantes.

Essa compreensão também é evidenciada por Paz e Rigue (2025), ao narrarem a trajetória de uma estudante trabalhadora e futura professora de Química. As autoras demonstram que a conciliação entre trabalho, estudos e demais responsabilidades atravessa a formação acadêmica e influencia a construção da identidade docente, aspectos que dialogam diretamente com a experiência apresentada neste estudo.

Nesse sentido, as narrativas autobiográficas permitem compreender a realidade

universitária que nem sempre aparecem em dados estatísticos ou documentos institucionais.

Além disso, ao tornar públicas essas experiências, cria-se a possibilidade de identificação e representação para outros estudantes que vivenciam situações semelhantes. Muitas vezes, estudantes trabalhadores carregam sentimentos de insuficiência, atraso ou inadequação em relação aos colegas, sem perceber que tais dificuldades estão associadas às condições concretas de vida que enfrentam diariamente. Dessa forma, as narrativas autobiográficas contribuem para ampliar o debate sobre permanência estudantil, inclusão e equidade no ensino superior, favorecendo uma compreensão mais sensível e humanizada das diferentes trajetórias presentes na universidade.

3.6 A INSERÇÃO FEMININA NO ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO

A inserção feminina no ensino superior brasileiro representa uma grande conquista na luta das mulheres pelo direito à educação e à participação acadêmica. Durante muitos anos, o acesso das mulheres às universidades foi limitado por ideias sociais que restringiam seu papel ao ambiente doméstico e às responsabilidades familiares. Segundo Louro (1997), as desigualdades de gênero foram historicamente moldadas por práticas sociais e culturais que definiam funções específicas para homens e mulheres. Nesse contexto, o acesso feminino à educação superior ocorreu de forma lenta, sendo marcado por diversos obstáculos sociais.

Ser a primeira mulher da minha família a ingressar em uma universidade também me fez refletir sobre o significado da presença feminina nos espaços de educação superior. Durante muito tempo, as mulheres tiveram seu acesso ao estudo limitado por normas sociais que as direcionavam principalmente para o cuidado da casa e da família. Embora muitas dessas barreiras tenham sido superadas, ainda é comum que as mulheres precisem conciliar diferentes responsabilidades ao mesmo tempo, assumindo papéis que vão além da vida acadêmica.

Ao longo da minha trajetória, percebi que, como mulher, frequentemente carregava uma preocupação constante com as necessidades da minha família. Enquanto estudava, também me preocupava com a situação financeira da casa, com a saúde da minha avó, com as dificuldades enfrentadas por minha mãe e com a necessidade de contribuir economicamente. Em muitos momentos, senti que precisava ser forte e continuar seguindo em frente, mesmo quando estava cansada física e emocionalmente.

Além disso, estar na universidade representava mais do que uma conquista individual. Eu sentia que precisava honrar os esforços das mulheres que vieram antes de mim, especialmente da minha mãe e da minha avó, que não tiveram as mesmas oportunidades

educacionais. Cada disciplina concluída, cada semestre vencido e cada obstáculo superado carregavam um significado maior, pois simbolizavam a possibilidade de romper ciclos e ampliar oportunidades para as próximas gerações da minha família.

Por isso, minha permanência no ensino superior também pode ser compreendida como um ato de resistência. Permanecer na universidade sendo mulher, trabalhadora e oriunda de uma família de baixa renda exigiu enfrentar desafios que muitas vezes não aparecem nos históricos escolares ou nos índices acadêmicos. Ainda assim, cada dificuldade enfrentada fortaleceu minha convicção de que a educação é uma ferramenta fundamental para a autonomia feminina, para a redução das desigualdades e para a transformação social.

3.7 DESIGUALDADES DE GÊNERO E OS OBSTÁCULOS À PERMANÊNCIA DA MULHER NA GRADUAÇÃO

Embora o acesso das mulheres ao ensino superior tenha aumentado significativamente nas últimas décadas, chegando a representar a maioria dos matriculados em cursos de graduação no Brasil, estar dentro da universidade não significa, necessariamente, conseguir permanecer nela em condições de igualdade. Para muitas mulheres, especialmente aquelas que vêm de famílias de baixa renda, a graduação é uma conquista que precisa ser reafirmada todos os dias, diante de uma série de obstáculos que vão muito além das dificuldades acadêmicas.

Segundo Hirata e Kergoat (2007), a divisão sexual do trabalho atribui às mulheres responsabilidades historicamente associadas ao cuidado doméstico e familiar, o que gera sobrecarga e limita suas possibilidades de desenvolvimento acadêmico e profissional. Essa lógica, construída ao longo de séculos, não desaparece quando a mulher cruza os portões de uma universidade, ela a acompanha nas mochilas pesadas, no cansaço acumulado, nas ligações que precisam ser atendidas entre uma aula e outra, nas noites em que estudar disputava espaço com as obrigações de casa.

Federici (2019) aprofunda essa reflexão ao argumentar que o trabalho doméstico e de cuidado realizado majoritariamente pelas mulheres é invisibilizado e não remunerado, funcionando como sustentáculo de toda a estrutura econômica e social. Quando essa realidade se encontra com a vida universitária, o resultado é uma jornada tripla, trabalhar fora, cuidar do lar e estudar que poucos conseguem sustentar sem que algo ceda.

Ao longo da minha trajetória universitária, precisei lidar constantemente com responsabilidades financeiras, emocionais e familiares. Não era apenas o cansaço do corpo era também o peso de sentir que precisava justificar o tempo dedicado aos estudos, como se

escolher estar na universidade fosse um luxo que precisava ser constantemente negociado com as demandas ao redor. Em muitos momentos, senti que precisava provar continuamente minha capacidade de permanecer no curso, mesmo diante do esgotamento e das dificuldades emocionais que se acumulavam silenciosamente.

Esse sentimento, tão íntimo e ao mesmo tempo tão compartilhado, encontra eco nos estudos de Sousa e Portes (2011), que identificaram que estudantes mulheres de camadas populares frequentemente carregam consigo uma sensação de não pertencimento ao ambiente universitário, como se o espaço acadêmico não tivesse sido pensado para elas. Essa insegurança, alimentada por estereótipos de gênero e por estruturas institucionais ainda pouco sensíveis às especificidades femininas, pode se tornar um fator silencioso, mas poderoso, de evasão.

Além disso, a pandemia da covid-19 agravou ainda mais essas desigualdades. Conforme destaca Santos (2020), os impactos da pandemia afetaram principalmente os grupos socialmente vulneráveis, ampliando desigualdades já existentes na sociedade e dificultando ainda mais o acesso e a permanência na educação. Para as mulheres, esse agravamento foi sentido de forma especialmente intensa: o fechamento de escolas e creches transferiu para elas ainda mais responsabilidades de cuidado, ao mesmo tempo em que as aulas remotas exigiam acesso à tecnologia e a um espaço tranquilo para estudar, condições que muitas simplesmente não tinham.

Nesse período, precisei conciliar aulas remotas, trabalho e dificuldades financeiras, enfrentando sentimentos de exaustão, insegurança e desmotivação. Havia dias em que a tela do computador parecia um espelho de tudo o que eu não conseguia dar conta, as aulas que assistia sem absorver, as tarefas que entregava no limite, a sensação de estar presente em todo lugar e, ao mesmo tempo, inteira em lugar nenhum.

Biroli (2018) nos lembra que as desigualdades de gênero não são acidentais nem naturais: elas são produzidas e reproduzidas por estruturas sociais, econômicas e institucionais que precisam ser ativamente questionadas e transformadas. Nesse sentido, garantir a permanência das mulheres na universidade não é apenas uma questão de mérito individual é uma responsabilidade coletiva, que exige políticas públicas, apoio institucional e um olhar atento para as condições reais em que essas trajetórias acontecem.

Além das dificuldades relacionadas ao acesso e à permanência no ensino superior, muitas mulheres enfrentam a chamada tripla jornada, caracterizada pela conciliação entre os estudos, o trabalho remunerado e as responsabilidades domésticas e familiares. Conforme apontam os estudos sobre divisão sexual do trabalho, as atividades de cuidado continuam

sendo atribuídas majoritariamente às mulheres, gerando uma sobrecarga que frequentemente impacta sua trajetória acadêmica e profissional.

Ao longo da graduação, também vivenciei situações que me permitiram compreender essa realidade. Além de conciliar os estudos com o trabalho, muitas vezes precisei auxiliar nos cuidados com meu irmão mais novo. Em alguns momentos, quando não havia ninguém disponível para ficar com ele, eu o levava para a universidade, buscando conciliar minhas responsabilidades familiares com a continuidade dos estudos. Essa situação exigia constantes adaptações. Embora meus professores e colegas, em geral, demonstrassem compreensão e acolhimento, eu me preocupava em não atrapalhar o andamento das aulas. Meu irmão permanecia comigo na sala, e eu dividia minha atenção entre acompanhar o conteúdo e garantir que ele estivesse bem. Essa experiência evidenciou como as responsabilidades de cuidado podem atravessar a vida universitária, especialmente para as mulheres, e como a permanência no ensino superior depende, muitas vezes, da sensibilidade e do acolhimento proporcionados pela comunidade acadêmica.

Embora essas situações fossem encaradas como parte da rotina, elas demonstravam como as demandas de cuidado frequentemente se somavam às exigências acadêmicas e profissionais.

Durante períodos de maior dificuldade financeira e familiar, especialmente após o adoecimento da minha avó, as preocupações com o bem-estar da minha família passaram a ocupar ainda mais espaço em minha rotina. Dessa forma, minha experiência permitiu perceber que a permanência de muitas mulheres no ensino superior não depende apenas de seu desempenho acadêmico, mas também da capacidade de administrar simultaneamente diferentes responsabilidades, muitas delas invisibilizadas no ambiente universitário.

3.8 A LICENCIATURA E A FORMAÇÃO DE PROFESSORAS: ESPECIFICIDADES DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

O curso de Licenciatura em Ciências Biológicas possui características específicas relacionadas à formação docente, articulando conhecimentos científicos, pedagógicos e metodológicos necessários para a atuação na educação básica. Essa articulação, no entanto, não acontece apenas nos livros ou nas disciplinas cursadas, ela se constrói também nas experiências vividas ao longo de toda a trajetória acadêmica, nas dificuldades enfrentadas, nas relações estabelecidas e nos momentos em que o estudante começa a se enxergar, de fato, como professor.

Segundo Tardif (2014), a formação docente envolve não apenas conhecimentos

acadêmicos, mas também experiências construídas ao longo da trajetória pessoal e profissional do sujeito. Dessa forma, a identidade docente é construída continuamente a partir das vivências, desafios e relações estabelecidas durante a formação. Nóvoa (1992) complementa essa perspectiva ao afirmar que a identidade do professor não é um dado fixo, mas um processo em constante desenvolvimento, moldado tanto pela formação inicial quanto pelas experiências práticas que vão sendo acumuladas ao longo do tempo.

Durante minha graduação, percebi que a formação em licenciatura vai muito além do domínio dos conteúdos científicos. Ser professora exige responsabilidade social, sensibilidade, empatia e compromisso com a aprendizagem dos estudantes. Essa percepção foi se construindo aos poucos, em meio a todas as dificuldades da minha trajetória. A necessidade de conciliar trabalho e estudos, as limitações financeiras, os desafios enfrentados durante a pandemia e os momentos em que pensei em desistir da graduação contribuíram para ampliar minha compreensão sobre as diferentes realidades vividas pelos estudantes. Muitas das dificuldades que enfrentei como universitária me fizeram refletir sobre os obstáculos que também podem estar presentes na vida dos alunos da educação básica, fortalecendo minha capacidade de compreender suas necessidades e desafios. Pimenta e Lima (2012) destacam que o estágio e as práticas docentes são momentos fundamentais na formação do professor, pois permitem ao licenciando confrontar os conhecimentos teóricos com a realidade concreta da sala de aula, iniciando a construção de uma identidade profissional ancorada na prática. É nesse encontro entre teoria e realidade que muitos estudantes de licenciatura descobrem, de forma definitiva, se é mesmo aquilo que querem para suas vidas.

Para mim, esse momento chegou em 2024, quando tive a oportunidade de atuar como professora substituta de Ciências e Biologia através de uma designação em uma escola. Foi uma das experiências mais importantes e felizes de toda a minha formação. Pela primeira vez consegui me enxergar verdadeiramente como professora. Eu amei estar em sala de aula, amei a relação com os alunos e percebi que todo o esforço feito ao longo dos anos tinha sentido. Aquela experiência confirmou o que a graduação havia plantado: eu queria mesmo ser professora.

Porém, por se tratar de um contrato temporário, precisei retornar ao supermercado após seu encerramento. Ainda assim, algo havia mudado. A experiência deixou uma marca que nenhum retorno à rotina anterior conseguiu apagar, a certeza de que eu pertencia àquele espaço, e que chegar até lá havia valido cada dificuldade enfrentada no caminho.

Hoje, ao olhar para minha trajetória, sinto orgulho de tudo o que enfrentei para chegar até aqui. Concluir a graduação representa resistência, dedicação e superação. Mais do que

uma formação acadêmica, essa caminhada transformou minha forma de enxergar a educação, a ciência e meu próprio potencial.

Ser professora, para mim, significa ter a oportunidade de contribuir para a formação de outras pessoas, assim como muitos professores contribuíram para minha história. Escolher a Licenciatura em Biologia foi, acima de tudo, escolher um caminho construído a partir de sonhos, desafios, persistência e amor pela educação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elaborar esta pesquisa autobiográfica, me levou a revisitar momentos que, por um longo período, eu enxerguei apenas como obstáculos, mas que hoje reconheço como parte essencial da pessoa e da profissional que estou me tornando. Ao refletir sobre minha trajetória, percebo que meu percurso acadêmico foi repleto de desafios que, muitas vezes, pareciam mais difíceis do que minhas próprias capacidades. Tive experiências de alegria, conquistas e realizações, mas também passei por momentos de medo, insegurança, exaustão e questionamentos sobre minha habilidade de prosseguir.

Quando ingressei no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas em 2019, levava comigo vários sonhos. Estava concretizando o desejo de estudar em uma universidade federal e, ao mesmo tempo, me tornava a primeira mulher da minha família a participar do ensino superior. Naquele instante, eu não tinha ideia dos desafios que surgiriam pelo caminho. A universidade, que inicialmente simbolizava somente um sonho acadêmico, tornou-se também um espaço para meu crescimento pessoal, amadurecimento e autodescoberta.

Durante a graduação, enfrentei situações que mudaram completamente minha rotina e meus planos. A pandemia da covid-19 interrompeu experiências que eu esperava viver na universidade e trouxe diversas dificuldades para minha formação. Passei a assistir aulas pelo celular, enfrentei limitações financeiras, vi minha família passar por momentos complicados e precisei retornar ao mercado de trabalho para ajudar na renda do lar. Em muitos momentos, senti que estava ficando para trás. Enquanto alguns colegas progrediam no curso, eu precisava dividir minha atenção entre trabalho, estudos, questões financeiras e responsabilidades familiares.

Como mulher, também percebi que muitas das responsabilidades de cuidado e preocupação com a família se tornavam parte da minha rotina de forma natural. Recordo dos momentos em que ajudei a cuidar do meu irmão mais novo e das inúmeras vezes em que as necessidades da minha família ocupavam minha mente, mesmo durante as atividades acadêmicas. Essas experiências me fizeram perceber que a permanência feminina no ensino superior envolve desafios que frequentemente não aparecem em currículos, históricos escolares ou indicadores acadêmicos.

Durante muito tempo, a queda no meu rendimento acadêmico me levou a crer que eu havia deixado de ser uma boa aluna. Hoje, entendo que a questão não era falta de capacidade, mas o acúmulo de responsabilidades e o desgaste físico e emocional decorrente de anos conciliando trabalho, estudos e preocupações familiares. Essa compreensão me permitiu olhar para minha trajetória com mais empatia e reconhecer que continuar na universidade também

foi uma conquista diária.

Simultaneamente, a graduação me proporcionou experiências extremamente valiosas. Entre elas, ressalto a oportunidade de atuar como professora de Ciências e Biologia. Essa vivência em sala de aula foi um marco na minha formação. Pela primeira vez, consegui me ver não apenas como estudante universitária, mas também como professora. Foi nesse momento que percebi que todos os esforços, noites mal dormidas, dificuldades financeiras e obstáculos enfrentados ao longo dos anos tinham um propósito. Estar diante dos alunos confirmou aquilo que eu carregava desde minha infância: o desejo de ensinar e contribuir para a formação de outras pessoas.

Mais do que conhecimentos científicos e pedagógicos, a universidade me ensinou sobre resiliência, empatia, responsabilidade e perseverança. Aprendi que a formação docente não ocorre somente nas salas de aula da universidade, mas também nas experiências que vivemos, nas dificuldades que enfrentamos e na maneira como decidimos continuar, mesmo quando tudo parece desafiador. Cada desafio que enfrentei ajudou a moldar minha identidade como futura professora e como mulher.

Ao finalizar esta autobiografia, experimento orgulho pela trajetória que construí. Não porque tenha sido perfeita ou isenta de obstáculos, mas exatamente porque foi marcada por constantes superações. Chegar até aqui simboliza a realização de um sonho que, durante muitos anos, pareceu distante da minha realidade. Também representa o esforço da minha mãe, da minha avó e de todas as pessoas que acreditaram na educação como um caminho para a transformação.

Por fim, entendo que minha história não é singular. Ela se assemelha à trajetória de muitas mulheres, estudantes que trabalham e jovens de origem popular que veem na educação uma oportunidade de mudança de vida. Se hoje estou próxima do fim da graduação, é porque aprendi que persistir nem sempre implica em um caminho sem dificuldades, mas sim em continuar avançando apesar delas. E é com esse sentimento de gratidão, aprendizado e esperança que concluo esta etapa da minha formação, levando comigo a certeza de que cada desafio enfrentado contribuiu para me tornar a professora que almejo ser.

REFERÊNCIAS

BARDAGI, Marúcia Patta; HUTZ, Claudio Simon. Rotina acadêmica e relação com colegas e professores: impacto na evasão universitária. **Psico**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 174-184, 2012.

BATISTA, Willian Benedicto; SALES, Tiago Amaral. Caminhos, potências e percalços na formação inicial de um biólogo bacharel . **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 10, n. 25, p. e1292, 2025. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2025.v10.n25.e1292. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/rbpab/article/view/24458>. Acesso em: 5 ago. 2026.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

COULON, Alain. **A condição de estudante: a entrada na vida universitária**. Salvador: EDUFBA, 2017.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FEDERICI, Silvia. **O calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2019.

FONAPRACE – Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Estudantis. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos Graduandos das IFES**. Brasília: ANDIFES, 2019.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez.2007.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

NÓVOA, António (org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, 2011.

PAZ, Daiane Suelen Alves da; RIGUE, Fernanda Monteiro. Estórias de uma trabalhadora e futura professora de Química. **Revista Interdisciplinar Sulear**, [S. l.], n. 21, 2025. Disponível em: <https://revista.uemg.br/sulear/article/view/8700>. Acesso em: 05 ago. 2026.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PORTES, Écio Antônio. **Trajetórias escolares e vida acadêmica do estudante pobre da UFMG: um estudo a partir de cinco casos**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

SAMPAIO, Helena. O setor privado de ensino superior no Brasil: continuidades e transformações. **Revista Ensino Superior**, Unicamp, Campinas, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SGUISSARDI, Valdemar; SILVA JÚNIOR, João dos Reis. **Trabalho intensificado nas federais: pós-graduação e produtivismo acadêmico**. São Paulo: Xamã, 2009.

SOUSA, Lorene; PORTES, Écio Antônio. As propostas de políticas/ações afirmativas das universidades públicas e as políticas/ações de permanência nos ordenamentos legais. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 92, n. 232, p. 516-541, 2011.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores.** Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 226-237, 2006.